



## O PODER TRANSFORMADOR DA ARTE: INCLUSÃO DO AUTISMO E OS DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE

## THE TRANSFORMATIVE POWER OF ART: AUTISM INCLUSION AND THE CHALLENGES OF ACCESSIBILITY

Kenia Estevam de Castro<sup>1</sup>  
Mestrado PPGACV/UFGGO  
Associado/a/e ANPAP: Não

### RESUMO

Este artigo aborda o papel das Artes Visuais como ferramenta de transformação social, investigando seu impacto em contextos de extrema desigualdade e exclusão. O foco está na interseção entre arte, autismo e inclusão, explorando como práticas artísticas podem ampliar a participação e fortalecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento, como ciência e crítica social. Por meio de uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental e estudo de caso, são examinadas iniciativas que promovem o acesso à arte para indivíduos neurodivergentes e comunidades marginalizadas. As práticas analisadas demonstram como a expressão visual pode atuar na construção de diálogos e na desconstrução de barreiras, permitindo maior representatividade e interação. Os resultados indicam que a arte, ao ser inserida em espaços alternativos, torna-se um instrumento de ressignificação social, possibilitando novas formas de comunicação e engajamento. Além disso, a colaboração entre artistas e cientistas evidencia o potencial da arte como meio de transformação e inclusão, gerando impactos concretos na percepção coletiva sobre diversidade e acessibilidade. Conclui-se que a arte transcende sua função estética, tornando-se um catalisador de mudanças significativas.

**Palavras-Chave:** Arte- Inclusão. Autismo. Transformação social. Interdisciplinaridade.

### RESUMEN

Este artículo aborda el papel de las Artes Visuales como herramienta de transformación social, investigando su impacto en contextos de extrema desigualdad y exclusión. Se centra en la intersección entre arte, autismo e inclusión, explorando cómo las prácticas artísticas pueden ampliar la participación y fortalecer las conexiones entre diferentes áreas del conocimiento, como la ciencia y la crítica social. Mediante un enfoque cualitativo, basado en análisis documental y estudios de caso, se examinan iniciativas que promueven el acceso al arte para personas neurodivergentes y comunidades marginadas. Las prácticas analizadas demuestran cómo la expresión visual puede contribuir a la construcción de diálogos y la desconstrucción de barreras, permitiendo una mayor representación e interacción. Los resultados indican que el arte, al insertarse en espacios alternativos, se convierte en un instrumento de ressignificación social, posibilitando nuevas formas de comunicación y participación. Además, la colaboración entre artistas y científicos destaca el potencial del arte como medio de transformación e inclusión, generando impactos concretos en la percepción colectiva de la diversidad y la



acessibilidade. Se concluye que el arte trasciende su función estética, convirtiéndose en un catalizador de cambios significativos.

**Palabras clave:** Arte - Inclusión. Autismo. Transformación social. Interdisciplinarietà.

## Introdução

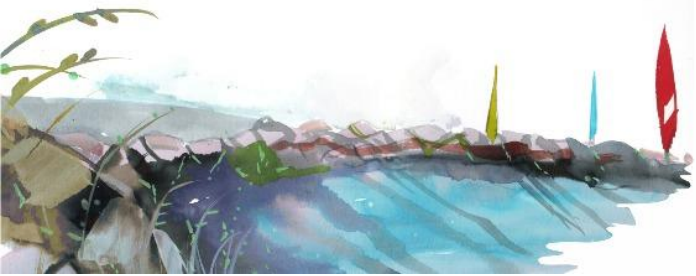
A arte tem um papel fundamental na formação de identidades, na expressão da subjetividade e na promoção da inclusão social. Em realidades marcadas por desigualdades geográficas e sociais, ela ganha ainda mais força como espaço de resistência, diálogo e transformação.

No âmbito das Artes Visuais, cresce o interesse por práticas que promovam a inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras deficiências, revelando o potencial da arte em ampliar a participação social e conectar saberes distintos.

Este estudo surge da necessidade de compreender como a arte pode atuar como instrumento de acessibilidade, especialmente para o público com TEA. A motivação da pesquisa está enraizada na trajetória da própria pesquisadora, que, como pessoa autista, enfrentou inúmeros desafios para acessar ambientes artísticos e culturais.

Considerando tal panorama, entre os principais obstáculos estão não apenas barreiras institucionais e sociais, mas também limitações financeiras e sensoriais, como iluminação excessiva, ruídos intensos e ausência de adaptações. Tais condições tornaram diversos espaços inacessíveis, reforçadas ainda pela escassez de políticas públicas e de ambientes apropriados para pessoas neurodivergentes.

Assim, dessa vivência pessoal e da lacuna acadêmica sobre o tema, surgem duas perguntas norteadoras: de que modo a produção artística pode promover a inclusão de pessoas com TEA e outras deficiências, considerando os entraves sensoriais, econômicos e estruturais? E como a trajetória da pesquisadora pode colaborar na formulação de estratégias mais inclusivas no campo artístico?



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

A partir dessa constatação, a pesquisa adota uma abordagem teórica, baseada em fontes bibliográficas e documentais, como artigos acadêmicos, registros históricos e institucionais que discutem a interseção entre Artes Visuais, inclusão e neurodiversidade.

Em vista dos fatos apresentados o objetivo principal é investigar de que forma a arte pode funcionar como agente de transformação social, ampliando o acesso e assegurando participação ativa em espaços culturais.

A análise busca ainda identificar os fatores que dificultam a inserção de pessoas neurodivergentes no meio artístico, desde barreiras metodológicas e sensoriais até a falta de recursos financeiros. Também é avaliado o impacto das políticas públicas de acessibilidade e a carência de produções científicas voltadas à inclusão nos Programas de Pós-Graduação em Artes.

Então, a escassez de estudos aprofundados sobre os desafios enfrentados por pessoas com TEA no universo artístico revela não apenas um desinteresse institucional, mas também a urgência em ampliar a pesquisa e estimular abordagens interdisciplinares.

Face a essa realidade a vivência da autora, nesse contexto, contribui como um exemplo concreto que ilumina a necessidade de reformular práticas e estruturas que ainda impedem o acesso pleno à arte.

Ainda com limitações, este trabalho reforça o papel transformador das Artes Visuais ao evidenciar que a inclusão deve ser pauta central em políticas, instituições culturais e na produção acadêmica. A arte, nesse sentido, deve ser não apenas um direito, mas um espaço acessível a todos independentemente das condições sensoriais, financeiras ou estruturais.



## **A Mobilização Social na Divulgação do TEA: Caminhos para Inclusão e Produção Científica**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e gera padrões de comportamento restritos e repetitivos. Segundo a American Psychiatric Association (2014), suas manifestações são amplas, podendo incluir desde dificuldades na linguagem verbal e não verbal até sensibilidade sensorial acentuada, resistência a mudanças e interesses intensos e específicos, o que influencia diretamente a forma como cada indivíduo percebe o mundo.

Diante disso, longe de ser uma limitação absoluta, "o autismo deve ser visto como [...] uma forma diferente de percepção e interação com o mundo, que exige adaptações para garantir inclusão e qualidade de vida" (SILVA, 2021, p. 45).

Nesse contexto, a mobilização de pais e associações tem sido um motor fundamental para a transformação social. Organizações como a Associação Nacional para Inclusão das Pessoas Autistas e a Liga TEA desempenham um papel crucial na defesa de direitos, promovendo debates, campanhas de conscientização e pressionando por políticas públicas eficazes.

Assim, essa atuação não apenas combate a desinformação, mas também garante que as demandas da comunidade autista sejam ouvidas. Como afirma Lima (2020, p. 87), "a mobilização social é um dos pilares para a construção de políticas inclusivas". Além disso, essas iniciativas impulsionam a produção científica, incentivando pesquisas que aprofundam o conhecimento sobre o transtorno e suas implicações.

## **A Arte como Ferramenta de Inclusão e Expressão**

A arte, especialmente as Artes Visuais, surge como uma ferramenta poderosa para a inclusão de pessoas autistas, oferecendo caminhos de expressão que transcendem a comunicação verbal.



Para muitos indivíduos no espectro, a criatividade é fundamental para superar limitações linguísticas e explorar novas formas de interação. Temple Grandin (2014, p. 79) destaca que a possibilidade de estruturar pensamentos por meio de imagens permite que pessoas autistas desenvolvam habilidades únicas, favorecendo seu crescimento pessoal.

De maneira similar, Ana Mae Barbosa (2003, p. 56) ressalta que "a arte é uma linguagem universal que transcende barreiras culturais e promove a interação e a compreensão entre os indivíduos".

Percebe-se com isso que os benefícios da prática artística são múltiplos. A arte-terapia, por exemplo, viabiliza a expressão de emoções de maneira não verbal, facilitando a interação social (SANTOS, 2024).

Por fim, atividades artísticas também estimulam habilidades cognitivas, como concentração e coordenação motora, e promovem um senso de pertencimento quando realizadas em grupo. Segundo Moraes (2019), a arte-educação pode ser uma abordagem lúdica e afetiva para incentivar a autonomia, tendo um impacto direto no bem-estar emocional, auxiliando na redução do estresse e no fortalecimento da autoestima.

## **Barreiras ao Acesso e a Necessidade de Adaptações**

Apesar de seu potencial, o acesso de pessoas autistas ao universo das artes ainda enfrenta barreiras significativas. Entre elas estão os desafios sensoriais, como ambientes com iluminação excessiva ou ruídos intensos.

Além disso, as barreiras financeiras são um grande obstáculo, visto que o custo de materiais e cursos especializados pode ser proibitivo. Lima (2018) aponta que a falta de financiamento e de políticas públicas voltadas para a acessibilidade cultural limita severamente a participação de pessoas com deficiência.



A superação desses desafios depende de um pilar essencial: a capacitação profissional e a adaptação dos espaços. A ausência de metodologias inclusivas nos cursos de formação artística e a falta de preparo de educadores e mediadores culturais restringem o desenvolvimento criativo de pessoas neurodivergentes (LOPES; TELASKA, 2022, p. 8).

Portanto, para que a arte cumpra seu papel inclusivo, "o ensino de arte no universo autista deve considerar adaptações que permitam a expressão criativa sem sobrecarga sensorial, garantindo um ambiente acolhedor" (FERNANDES, 2021, p. 56).

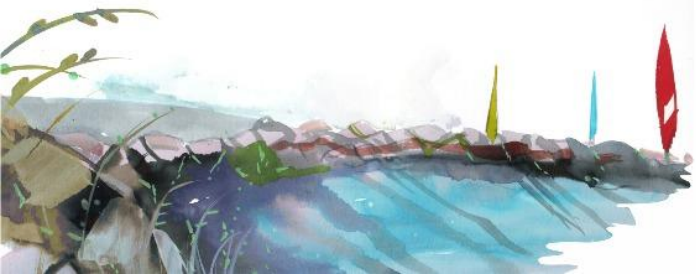
Conclui-se que a formação de professores de arte deve contemplar, de maneira estruturada, princípios e práticas inclusivas. A reformulação dos currículos acadêmicos e a capacitação contínua são medidas urgentes para garantir que "sejam criadas estratégias pedagógicas que respeitem suas particularidades e promovam sua interação no ambiente escolar" (BOGONI, 2014, p. 105). Somente com esforços coletivos e investimentos em políticas de acessibilidade será possível democratizar a arte e fortalecer a diversidade no meio cultural.

## **Autismo e Educação nas Artes Visuais: Inclusão, Expressão e Desenvolvimento**

A formação de professores de arte deve ser fundamentada em princípios inclusivos, com currículos acadêmicos estruturados para promover a diversidade e a acessibilidade no ensino.

Então, a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo exige adaptações nos métodos pedagógicos e uma abordagem flexível que atenda às necessidades individuais dos alunos, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A arte, quando utilizada como ferramenta educacional, oferece ao aluno autista uma forma alternativa de comunicação e expressão. Por meio das linguagens visuais, ele



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

pode construir significados, desenvolver sua percepção sensorial e estabelecer conexões com o mundo. Como afirma Silva (2021, p. 134), a arte "se torna um meio de inclusão e interação social, promovendo autonomia e bem-estar emocional". Essa abordagem é essencial para mediar a relação entre o aluno e o ambiente ao seu redor, superando desafios de interação.

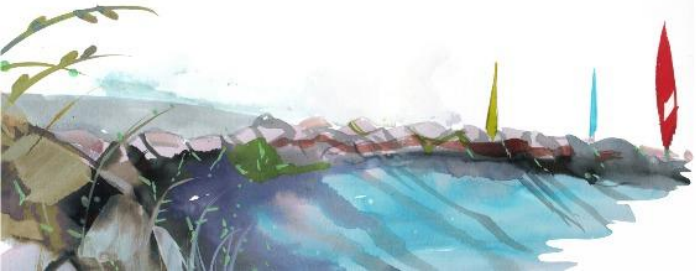
Dado o exposto, nesse processo os recursos imagéticos e os objetos do cotidiano desempenham um papel central na construção da identidade. A utilização de imagens artísticas e elementos visuais auxilia na percepção, estimula os sentidos e possibilita a criação de significados (SILVA; ALMEIDA, 2017).

Essa construção identitária é um processo contínuo e dinâmico, influenciado por fatores culturais. Stuart Hall (2006) destaca que a identidade não é fixa, mas sim um conjunto de representações que se transformam ao longo do tempo. Na mesma linha, Ana Mae Barbosa (2003, p. 78) reforça que "a arte possibilita a construção da identidade, permitindo que os indivíduos expressem suas emoções e percepções de mundo, promovendo a inclusão e o desenvolvimento integral".

Para que esse potencial se concretize, a prática pedagógica deve abandonar o modelo do déficit para focar na valorização das potencialidades do aluno autista. Segundo Costa (2019), estratégias que exploram a sensibilidade e as linguagens individuais contribuem para um aprendizado mais significativo.

Assim, sabendo que isso requer uma postura acolhedora do docente, que favoreça o sentimento de pertencimento, e o estímulo à cooperação e ao compartilhamento de tarefas, que são essenciais para um ambiente onde todos se sintam valorizados (OLIVEIRA, 2019).

Portanto, a compreensão das particularidades do autismo é o ponto de partida para desenvolver estratégias educacionais eficazes (OLIVEIRA, 2018). É imperativo que os cursos de licenciatura em artes visuais incorporem essas discussões e preparem



os futuros educadores para criar espaços de aprendizado genuinamente acessíveis, garantindo que a arte cumpra seu papel transformador na vida de todos os alunos.

## **Inclusão cultural e acessibilidade nas artes: desafios e estratégias para pessoas com TEA**

A arte é um meio poderoso de expressão e comunicação, capaz de promover socialização, pertencimento e desenvolvimento pessoal. Para indivíduos neurodivergentes, ela representa uma ponte para conexões significativas com o mundo, ampliando possibilidades de participação e reconhecimento.

No entanto, obstáculos persistem, dificultando o acesso de pessoas autistas a espaços culturais, apontando para a necessidade urgente de políticas públicas eficazes e práticas inclusivas no setor artístico.

A discussão sobre identidade cultural e inclusão é aprofundada por Stuart Hall, que destaca a cultura como um espaço dinâmico de representações em constante transformação, moldadas por contextos históricos e relações de poder (HALL, 2006). Essa perspectiva reforça o potencial da arte como ferramenta transformadora na construção de identidades e práticas sociais mais acessíveis.

No Brasil, a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012) representou um avanço ao reconhecer pessoas com TEA como cidadãos com deficiência, garantindo-lhes direitos à educação, saúde e assistência social. Já a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) estabeleceu diretrizes claras para garantir acessibilidade em instituições culturais e educativas, exigindo recursos como materiais táteis, audiodescrição e espaços sensoriais adaptados.

Programas como o Cultura Inclusiva, promovido em nível municipal, visam tornar eventos culturais mais acolhedores para o público neurodivergente, por meio da redução de estímulos e da criação de ambientes sensoriais. Ana Mae Barbosa (2003,



p. 112), referência no campo da arte e educação, reforça que a acessibilidade deve ser prioridade, assegurando igualdade de participação e aprendizado.

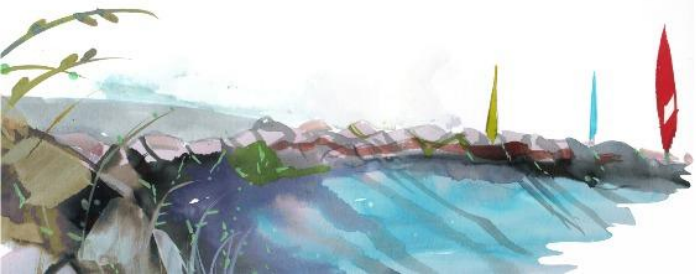
No campo educacional, iniciativas como o Programa Arte na Escola têm investido na formação de professores para práticas pedagógicas inclusivas em artes visuais, com metodologias adaptadas e materiais acessíveis. Algumas universidades públicas também oferecem bolsas a estudantes neurodivergentes, promovendo sua inserção no meio artístico e acadêmico.

Pesquisadores como Lopes e Telaska (2022) observam que a inclusão escolar e cultural de crianças com TEA depende da preparação dos profissionais e da adequação dos espaços físicos. A falta de formação específica compromete a experiência de pessoas autistas em ambientes educativos e culturais. Battisti e Heck (2015) também destacam a importância de estratégias metodológicas que assegurem participação ativa, indo além da simples adaptação arquitetônica.

Embora avanços tenham sido conquistados, ainda há limitações significativas: escassez de recursos, profissionais capacitados e infraestrutura apropriada. Superar essas barreiras demanda o comprometimento conjunto de governos, instituições culturais e sociedade civil para construir ambientes verdadeiramente inclusivos.

A arte tem potencial transformador ao criar oportunidades de expressão e interação para todos. Políticas públicas que assegurem esse direito são fundamentais para democratizar o acesso à cultura e promover a inclusão social. Além disso, leis que estimulem práticas inclusivas em museus, teatros e centros artísticos são indispensáveis para a consolidação de espaços acessíveis.

O incentivo à pesquisa científica também é decisivo nesse processo. Estudos fornecem embasamento teórico para a criação de políticas e metodologias pedagógicas eficazes. Conforme Souza e Pereira (2023, p. 47), a formulação de diretrizes baseadas em evidências contribui para o fortalecimento da produção acadêmica sobre arte, inclusão e neurodiversidade.



Autoras como Oliveira e Pereira (2023, p. 32) reforçam que políticas voltadas à acessibilidade cultural promovem a autonomia e a participação de indivíduos neurodivergentes, fortalecendo vínculos sociais e identitários. Lopes e Pinheiro (2024) apontam que a arte, além de sua dimensão estética, atua como ferramenta terapêutica e educativa, estimulando aspectos cognitivos, motores e emocionais de crianças neurodivergentes.

Por fim, como defendem Miranda e Santos (2020), a capacitação de educadores e mediadores culturais é um passo essencial para a efetivação da inclusão, garantindo experiências enriquecedoras e significativas para o público autista. A ausência de preparo profissional pode limitar o engajamento desses indivíduos, ressaltando a urgência da implementação de programas formativos específicos.

## **A experiência pessoal como ferramenta de compreensão e transformação na inclusão das Artes Visuais**

Embora os estudos acadêmicos evidenciem a importância da acessibilidade, a vivência direta de barreiras culturais oferece uma perspectiva única e fundamental para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes.

Nesse contexto, a experiência da pesquisadora, que enfrentou obstáculos significativos para acessar espaços artísticos, contribui para aprofundar a compreensão dos desafios enfrentados por indivíduos neurodivergentes e embasar soluções mais realistas.

Entre as principais dificuldades identificadas, destacam-se a inadequação sensorial dos ambientes culturais, os custos elevados de materiais e cursos, e a carência de políticas inclusivas. A vivência da exclusão permite que pesquisadores neurodivergentes tragam um olhar humanizado e crítico às discussões sobre inclusão,



enriquecendo o debate acadêmico com elementos práticos e sensíveis (Silva, 2020, p. 145).

Incorporar essas experiências à pesquisa fortalece sua legitimidade, ao mesmo tempo que favorece a formulação de estratégias de acessibilidade ancoradas em situações concretas.

Ao compreender as barreiras institucionais e sensoriais, torna-se possível propor adaptações condizentes com as reais necessidades do público. Como enfatiza Lima (2018, p. 87), políticas culturais eficazes devem considerar os relatos de quem vivencia essas dificuldades.

Nesse sentido, integrar o conhecimento técnico com a experiência vivida fortalece o propósito transformador da pesquisa e promove mudanças estruturais que garantem a participação plena no cenário artístico.

## **A arte como caminho para a inclusão: experiências de uma pesquisadora autista**

Este artigo apresenta o olhar de uma pesquisadora com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando como suas vivências revelam desafios significativos enfrentados por pessoas neurodivergentes nas Artes Visuais.

Ao refletir sobre suas interações com espaços culturais e práticas acadêmicas, a autora evidencia a urgência da adaptação dos ambientes e das metodologias para assegurar participação efetiva.

Desde a infância, ela enfrentou dificuldades em eventos culturais devido ao excesso de estímulos sensoriais, como luzes intensas, ruídos altos e superlotação, que tornavam a experiência exaustiva. Segundo Grandin (2014, p. 79), “ambientes sensorialmente adaptados possibilitam que indivíduos autistas explorem seu potencial criativo sem sobrecarga”, o que reforça a importância de ajustes para promover conforto e acesso.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

A implementação de políticas públicas voltadas à adaptação dos espaços culturais é fundamental para que a diversidade sensorial seja contemplada. Duarte et al. (2012) ressaltam que “ambientes museais podem favorecer aspectos sensoriais e emocionais, transformando-se em lugares de afeto e acolhimento”.

A pesquisadora relata que prefere visitar espaços culturais em horários alternativos, com menor fluxo de pessoas e ruídos, como museus e galerias tranquilos — escolha que revela, por si só, a importância de ambientes preparados para receber diferentes sensibilidades.

Iniciativas como horários exclusivos e sessões adaptadas, a exemplo do projeto Sessão Azul, mostram avanços significativos na inclusão, ao promoverem ambientes com menor estímulo visual e sonoro para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (GENIAL CARE, 2024; UOL, 2025).

Nesse sentido, ações como treinamentos sobre neurodiversidade para funcionários, espaços ajustáveis e infraestrutura sensorial são estratégias fundamentais para democratizar o acesso à arte e ao lazer.

Contudo, é preciso cautela para que tais iniciativas não reforcem a segregação. Como alerta Silva (2020, p. 78), a verdadeira inclusão ocorre quando as adaptações são incorporadas à rotina dos espaços culturais, sem depender da criação de eventos exclusivos. Sessões especiais devem ser entendidas como um passo inicial, mas não como solução definitiva. O objetivo deve ser a permanência de medidas que contemplem o público autista no funcionamento diário de instituições como teatros, museus e cinemas.

A própria pesquisadora relata que, em uma recente visita a uma galeria em Goiânia, precisou sair antes do fim da exposição devido à sobrecarga sensorial, o que ilustra a urgência de espaços mais preparados para acolher a diversidade neurocognitiva.



A inclusão cultural não deve se restringir a exceções, mas tornar-se uma prática diária. É preciso garantir que pessoas neurodivergentes tenham acesso à arte e ao entretenimento sem enfrentarem barreiras invisíveis ou ambientes excludentes.

A educação, aliada ao atendimento multiprofissional, é outro pilar importante. Quando há suporte adequado, cria-se um ambiente que favorece a autonomia, o desenvolvimento e a participação social.

Por fim, inclusão não se resume à presença física, mas à real integração de todos, respeitando suas singularidades e valorizando suas potencialidades.

## **Arte como espaço de resistência e transformação para pessoas com deficiência, especialmente com TEA**

Em contextos marcados por desigualdades sociais e geográficas, a arte emerge como um canal de resistência, diálogo e inovação, especialmente para pessoas com deficiência. Sua força inclusiva permite o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e comunicativas em indivíduos com TEA.

Fernandes (2025) destaca o papel da arte-educação como ferramenta de aprendizagem e socialização, sobretudo na construção de estratégias pedagógicas mais inclusivas. Contudo, ainda existem lacunas na formação docente para lidar com as especificidades desses alunos. A capacitação de educadores é, portanto, fundamental para garantir práticas mais equitativas e acessíveis.

Matias (2017) observa que a arte oferece ao ser humano uma forma singular de enxergar o mundo, promovendo interações entre meio e indivíduo. No contexto da educação inclusiva, ela contribui de maneira significativa para o desenvolvimento biopsicossocial de alunos com deficiência, favorecendo a expressão da identidade e o convívio coletivo.

Vale et al. (2025) reforçam que a inclusão educacional deve garantir o acesso pleno de todos, independentemente de suas condições. A arte, nesse cenário, atua como



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

mediadora do conhecimento e da consciência crítica, estimulando uma participação cultural mais ativa.

Ao transcender seu aspecto estético, a arte afirma-se como espaço de pertencimento. Suas experiências sensoriais e expressivas contribuem para a autonomia de pessoas com TEA, criando oportunidades de inserção em contextos culturais e educativos.

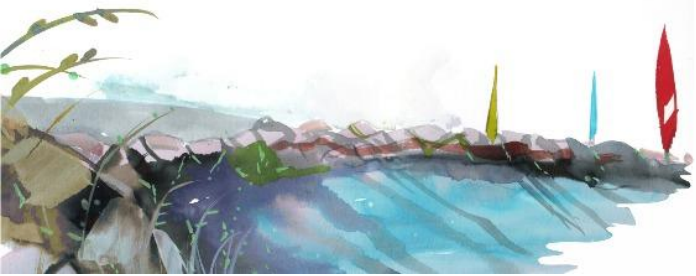
A democratização do acesso à arte, aliada a políticas públicas e práticas pedagógicas sensíveis às diferenças, torna-se essencial para consolidar ambientes verdadeiramente inclusivos. Reconhecê-la como ferramenta de transformação é dar um passo decisivo para a construção de uma sociedade mais justa, na qual todos possam fruir, criar e se expressar plenamente.

## **Considerações finais**

### **Considerações Finais**

Este estudo reafirma o papel transformador das Artes Visuais, evidenciando sua importância na construção de identidades, na expressão subjetiva e na promoção de práticas mais inclusivas. Em realidades marcadas por desigualdades sociais e geográficas, a arte assume um papel ainda mais relevante como espaço de resistência, diálogo e inovação.

A pesquisa teve como objetivo compreender como a arte pode se consolidar como ferramenta de acessibilidade para pessoas com deficiência, em especial aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio da análise de barreiras sensoriais, econômicas e estruturais, identificaram-se fatores que limitam a participação plena de pessoas neurodivergentes em contextos culturais.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

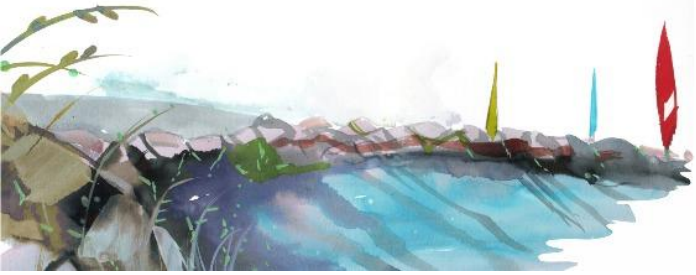
Os dados revelam que essas limitações não se restringem ao âmbito institucional, mas envolvem também a falta de adaptações sensoriais e os altos custos associados ao acesso à formação artística. Além disso, a ausência de políticas públicas eficazes e de espaços adequados contribui para o afastamento desse público de experiências criativas e culturais.

A confirmação da hipótese central da pesquisa reforça o potencial inclusivo do ensino das artes visuais, ao demonstrar que ambientes acessíveis e representativos favorecem o engajamento e a expressão de pessoas neurodivergentes. No entanto, a escassez de produções acadêmicas sobre a temática, especialmente nos Programas de Pós-Graduação em Artes, sinaliza a urgência de ampliar a discussão no meio científico.

Como desdobramento futuro, recomenda-se o aprofundamento das práticas pedagógicas inclusivas e a análise do impacto de políticas públicas no cotidiano artístico de pessoas com deficiência. Investigações de campo também são sugeridas para avaliar a eficácia de iniciativas culturais já implementadas.

A inclusão da experiência vivida da pesquisadora ofereceu um olhar singular sobre os desafios enfrentados, enriquecendo a análise com uma perspectiva crítica e humanizada. Tal abordagem reforça a importância de considerar o saber prático como elemento legítimo na construção de soluções mais efetivas.

Espera-se, por fim, que este trabalho contribua para o fortalecimento do debate sobre acessibilidade nas Artes Visuais, incentivando a criação de políticas e estruturas que tornem o acesso à arte um direito de todos. É igualmente fundamental ampliar a produção científica nesse campo, para que a inclusão se consolide como princípio central nas práticas e pesquisas artísticas.



## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: [https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM\\_V.pdf](https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf). Acesso em: 02 mai. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK, Giomar Maria Poletto. A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/centro-universitario-do-norte/topicos-integradores-ii-letras-portugues/battisti-e-heck-autismo/50948295>. Acesso em: 08 maio 2025.

BOGONI, Rosangela Macílio. Escolarização Inclusiva: O Autismo e a Arte. Medianeira: UTFPR, 2014. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21028/2/MD\\_EDUMTE\\_II\\_2014\\_105.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21028/2/MD_EDUMTE_II_2014_105.pdf). Acesso em: 07 jun. 2025.

BRASIL. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/publicacoes/diretrizes-de-atencao-a-reabilitacao-da-pessoa-com-transtornos-do-espectro-do-autismo.pdf/view> Acesso em: 10/05/2025

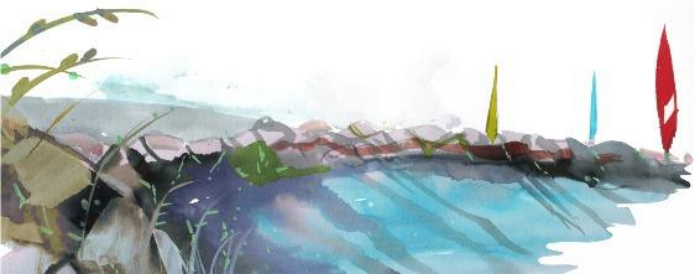
BRASIL. Ministério da Cultura. Programa Nacional de Escolas Livres de Formação em Arte e Cultura é instituído: documento estabelece diretrizes e atribuições. Brasília: MinC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/programa-nacional-de-escolas-livres-de-formacao-em-arte-e-cultura-e-instituido-documento-estabelece-diretrizes-e-atribuicoes>. Acesso em: 02 jun. 2025.

COSTA, M. A inclusão no ensino superior: desafios e possibilidades. São Paulo: Editora Acadêmica, 2015.

COSTA, M. Inclusão e ensino de arte: estratégias para o desenvolvimento de alunos autistas. São Paulo: Editora Acadêmica, 2019.

DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina; BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade e sensorialidade como motivadores do afeto em museus. Arqumuseus, 2012. Disponível em: [https://arqumuseus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo\\_03/e03\\_acessibilidade\\_e\\_sensorialidade\\_em\\_museus.pdf](https://arqumuseus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo_03/e03_acessibilidade_e_sensorialidade_em_museus.pdf). Acesso em: 02 jun. 2025.

FERNANDES, Aurora Regina. Inclusão e arte-educação: Reflexões sobre a formação docente e o ensino de artes para alunos com TEA. International Integralize Scientific, v. 5, n. 47, maio/2025. Disponível em: <https://iiscientific.com/artigos/FEC2B2>



FERNANDES, Lorena Barolo. Ensino de Arte no Universo Autista e o Pensamento de Walter Benjamin na Relação entre Educação e Arte. Curitiba: UNESPAR, 2021. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1534/2/ENSINO%20DE%20ARTE.pdf> Acesso em: 25/05/2025.

GENIAL CARE. Sessão Azul: conheça o cinema adaptado para autistas. São Paulo: Genial Care, 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/sessao-azul-cinema-adaptado-para-autistas/> Acesso em: 01 jun. 2025.

GRANDIN, Temple. O Cérebro Autista: Pensando Além da Linguagem. São Paulo: Editora XYZ, 2014.

GUIADERODAS. Inclusão e acessibilidade sensorial em espaços culturais. São Paulo: Guiaderodas, 2024. Disponível em: <https://www.guiaderodas.com.br/acesibilidade-cultural>. Acesso em: 02 jun. 2025.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Acesse Museus: acessibilidade e inclusão em espaços culturais. Brasília: Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ibram/pt-br/assuntos/acesibilidade>. Acesso em: 02 jun. 2025.

LIMA, João. Arte e Inclusão: Desafios e Possibilidades no Contexto Social. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2018.

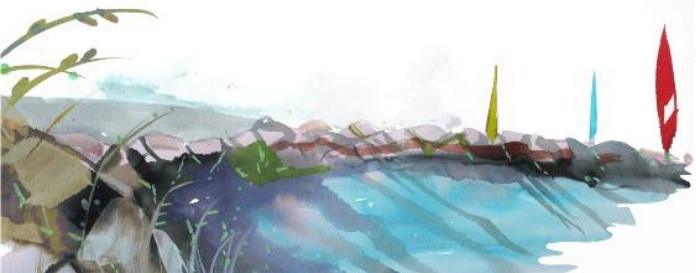
LIMA, João. Mobilização Social e Inclusão: O Papel das Associações na Defesa dos Direitos das Pessoas Autistas. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

LIMA, João. Políticas Culturais e Inclusão: Estratégias para a Acessibilidade no Campo Artístico. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2018.

LIMA, Maria. Acessibilidade Cultural e Neurodiversidade: Caminhos para a Inclusão. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2019.

LOPES, Daniele Ardigo e TELASKA, Tatiele dos Santos. Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: Revisão sistemática da literatura. Rev. psicopedag. [online]. 2022, vol.39, n.120, pp.425-434. ISSN 0103-8486. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220040>. Acesso em: 26/05/2025.

LOPES, Jovanka Soares Monteiro; PINHEIRO, Fabiane Elpídio de Sá. Infância atípica: a inclusão através da arte. IPREDI - Instituto da Primeira Infância: arte e primeira infância, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 10-12, abr. 2024. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/79011>. Acesso em: 02/06/2025.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

MIRANDA, Kamilly Palhano; SANTOS, Elaine Oliveira. O papel do ensino da arte na educação inclusiva. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, 2019. Disponível em: 2. Acesso em: 04 jun. 2025.

MATIAS, Janielly Fernandes. A arte como elemento facilitador no contexto da educação inclusiva. Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15512/1/JFM14062017.pdf>. Acesso em: 01/06/2025.

MORAIS, J. Arte e inclusão: estratégias para o desenvolvimento de pessoas com TEA. São Paulo: Editora Inclusiva, 2019.

OLIVEIRA, Carlos José; PEREIRA, Maria Fernanda. Tecendo caminhos inclusivos: a arte na educação como agente transformador. Anais do Congresso Nacional de Pesquisa em Educação. Recife: Editora Realize, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/educacao/detalhes/Di%C3%A1logos-inclusivos-nos-diferentes-caminhos-da-educa%C3%A7%C3%A3o-na-pauta-do-V-CINTEDI-tecendo-redes-de-solidariedade-na-sociedade-p%C3%B3s-moderna> Acesso em: 05 jun. 2025.

BENÍCIO, Francisco Emison da Costa; LIMA, Francisco Robson de. Tecendo caminhos inclusivos: a arte na educação como agente transformador. Anais do Congresso Nacional de Pesquisa em Educação. Recife: Editora Realize, 2023. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conape/2025/TRABALHO\\_CORRECAO\\_EV221\\_MD1\\_ID549\\_TB33\\_11032025085909.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conape/2025/TRABALHO_CORRECAO_EV221_MD1_ID549_TB33_11032025085909.pdf) Acesso em: 02 jun. 2025

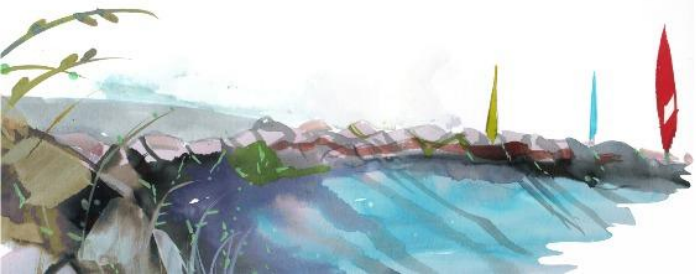
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd). Revista Brasileira de Educação. v. 25, n. 92, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/> Acesso em: 01 jun. 2025.

SANTOS, Lívia Cassiano. A importância da arte-terapia como intervenção terapêutica para crianças com TEA. Revista de Terapia e Saúde, v. 29, n. 141, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-importancia-da-arte-terapia-como-intervencao-terapeutica-para-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-tea/> Acesso em: 05 jun. 2025.

OLIVEIRA, Mariane Dara Lopes et al . Educação inclusiva e ensino de Artes. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 40, n. 123, p. 403-416, set. 2023 . Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862023000300403&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862023000300403&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 jun. 2025. Epub 26-Ago-2024. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20230037>.

OLIVEIRA, Mariane Dara Lopes. Educação inclusiva e artes visuais: estratégias para a participação ativa dos alunos. Revista Brasileira de Educação, v. 24, n. 89, 2019. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862023000300403](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862023000300403) Acesso em: 28/05/2025.



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

SILVA, João. *Cultura e Inclusão: Desafios e Possibilidades para Pessoas Autistas*. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

SILVA, João. *Neurodiversidade e Inclusão: Perspectivas sobre o Transtorno do Espectro Autista*. São Paulo: Editora XYZ, 2021.

SILVA, Maria. *Arte e Inclusão: Reflexões Sobre Acessibilidade no Espaço Cultural*. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

SILVA, Maria. *Autismo e Sociedade: Caminhos para a Conscientização e Produção Científica*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2021.

SILVA, Roberto; ALMEIDA, Juliana. *Artes Visuais e Identidade: A Construção do Conhecimento por Meio da Imagem*. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 2017.

SOUZA, M. A.; PEREIRA, L. F. Políticas públicas e inclusão cultural: desafios e perspectivas na acessibilidade artística. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, v. 29, n. 2, p. 40-55, 2023. Disponível em: <https://www.rebec.org.br/artigo/politicas-publicas-inclusao-cultural>. Acesso em: 06 jun. 2025.

UOL. *Sessão Azul: conheça a sessão de cinema adaptada para autistas*. São Paulo: UOL, 2025. Disponível em: 3. Acesso em: 01 jun. 2025.

VALE, Anderson Huguenin do et al. Promovendo a inclusão no Ensino Fundamental: o ensino da Arte como ferramenta para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Educação Pública*, 2025. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/6/promovendo-a-inclusao-no-ensino-fundamental-o-ensino-da-arte-como-ferramenta-para-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-tea> Acesso em: 22/05/2025.

## Notas

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC) (2008). Especializações em História, Cultura e Artes; Metodologia do Ensino da Matemática; Psicopedagogia; Transtorno do Espectro Autista (TEA); e Neuropsicopedagogia. Atualmente, cursa mestrado em Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui experiência na área de Educação Infantil, com ênfase em Pedagogia. <http://lattes.cnpq.br/0159618353527003>